

portugalidade

Edição n.º 15 | dezembro 2025

m a g a z i n e



NATAL | IDENTIDADE | CULTURA

PAISAGEM CULTURAL DE SINTRA, 30 ANOS DEPOIS

PATRIMÓNIO, FUTURO E COMUNIDADE



MAIA

PASSAGEM DE ANO 25 ➤ 2026

FOGO DE ARTIFÍCIO
ESPETÁCULO DE LASER
"FAÇA-SE LUZ"
CONCERTO MIGUEL ARAÚJO
DJ CAROLINA TORRES



visitmaia.pt



EDITORIAL

Há pouco mais de três anos chegava às bancas a primeira edição desta revista. Escrevi na altura que queríamos “mesmo divulgar o melhor de Portugal. Despretensiosamente esperamos consegui-lo, e fazemo-lo nesta edição inaugural com uma capa de rara beleza que nos remete para o ‘conto de fadas’ que a paisagem de Sintra é.” Curiosamente, nesta décima quinta edição regressamos a Sintra, e a uma capa “Mágica” que nos remete para as luzes desta época, que nos confortam nas noites mais longas do ano.

Talvez seja essa a natureza dos regressos, a de nunca coincidirem exatamente com o ponto de partida. Os lugares são os mesmos, mas nós já não somos. E, no entanto, há paisagens e sítios que nos reencontram com a mesma facilidade com que a memória nos devolve a quem fomos, ou às partes de nós que nunca mudam, por mais que tentem.

A verdade é que falar de Portugal implica sempre falar de continuidade. Não no sentido estático do que permanece imutável, mas mais na capacidade sóbria da resistência. A identidade não se limita a um catálogo de monumentos, tradições ou costumes, definindo-se mais pela forma como nos deixamos tocar por eles.

Tal como os rios que desenham vales, também estas paisagens iluminadas de inverno nos ensinam a importância do curso contínuo. É uma marca menos natural, no sentido em que está impregnada da mão humana, e ainda assim reafirma a nossa condição de parte integrante do meio que nos rodeia. Estas luzes de Natal, como a vela que alguém insiste em manter acesa, são uma marca de humanismo que transcende em muito o significado mais consumista desta época.

Três anos depois, continuamos cientes de que divulgar “o melhor de Portugal” não é uma meta, é um processo. E exige a mesma disciplina de quem estuda um mapa antigo ou acompanha um rio até à foz. Observar sem pressa, interpretar sem preconceito, reconhecer que cada território guarda uma narrativa própria. Esta edição segue essa lógica. A capa aponta para Sintra, mas a revista abre-se ao país inteiro, às suas paisagens, às suas comunidades, aos sinais de futuro que se insinuam nos gestos mais discretos.

É esse o compromisso que mantemos e que continuará a orientar-nos. Olhar o país com a dignidade que ele merece, com rigor, com curiosidade, com sentido de responsabilidade. A Portugalidade nasceu com essa intenção e continua fiel a ela. Esta época mais acolhedora, mesmo quando fica mais escura, parece lembrar-nos que vale sempre a pena criar algo bonito e verdadeiro, acender mais uma luz.

ÍNDICE

Património

- 4 Parques de Sintra

Natal

- 8 Natal à portuguesa
- 10 Natal no Museu da Misericórdia
- 12 O som do Natal português

Património - Solstício de Inverno

- 14 Mogadouro

Cultura

- 16 Para os caminhantes tudo é caminho
- 18 Palavra do ano

Portugal, naturalmente

- 20 Barreiro

25 anos de século XXI

- 22 Mundo
- 24 Portugal

Eventos

- 26 Fantasporto 2026

PAISAGEM CULTURAL DE SINTRA, 30 ANOS DEPOIS PATRIMÓNIO, FUTURO E COMUNIDADE

Sintra assinala trinta anos como Paisagem Cultural de referência mundial num momento que devolve ao território a centralidade que sempre teve. O aniversário reúne reconhecimento internacional, um programa dedicado às novas gerações e uma temporada natalícia que reafirma o património como lugar vivo, quotidiano e partilhado.

A FORÇA DE UMA PAISAGEM CELEBRADA HÁ TRÊS DÉCADAS

A classificação da Paisagem Cultural de Sintra como Património Mundial pela UNESCO, em 1995, permanece um dos momentos mais luminosos do reconhecimento internacional do património português. A serra afirmou-se então como uma síntese rara entre natureza, arquitetura e imaginação, capaz de concentrar séculos de criação humana num território onde a paisagem se renova a cada olhar. Trinta anos volvidos, Sintra continua a reclamar esse lugar de exceção, reforçado hoje por uma gestão que alia ciência, conservação, inovação e um profundo sentido de responsabilidade cultural.

O mês de dezembro devolve esta história ao centro da

atenção pública. À medida que estas páginas chegam aos leitores, a celebração da efeméride já marcou o calendário e o ano das comemorações segue o seu curso, num momento que ultrapassa a lógica das datas e se estende ao modo como o território se pensa e se vive. O aniversário abriu caminhos, consolidou projetos e lançou novos modos de viver o património. Os sintrenses reconhecem essa transformação no quotidiano. Os visitantes percebem-na na qualidade e profundidade da experiência. As instituições envolvidas confirmam-na nos resultados alcançados.





UM RECONHECIMENTO INTERNACIONAL QUE REFORÇA A RESPONSABILIDADE

A Parques de Sintra, entidade que gere o coração monumental e natural do território, vive um ano particularmente significativo. Soma agora o 13.º World Travel Award na categoria de “Melhor Empresa do Mundo em Conservação”, distinção que reforça o estatuto de referência mundial nesta área, depois de doze galardões consecutivos entre 2013 e 2024. O prémio valoriza um modelo de gestão único no país, construído com equipas que conjugam conhecimento técnico, capacidade de investigação, as melhores práticas de restauro e uma visão contínua de salvaguarda das paisagens e dos monumentos sob sua tutela. A empresa celebra vinte e cinco anos de história e recorda, pela voz do presidente

do seu Conselho de Administração, João Sousa Rego, a importância de manter o equilíbrio entre o orgulho pelo caminho percorrido e a responsabilidade perante o futuro. Preservar Sintra implica testar soluções de sustentabilidade, desenvolver projetos inovadores, criar experiências diferenciadoras que respeitem a identidade profunda do território e reforçar parcerias com o setor associativo e empresarial local, promovendo um ecossistema colaborativo com impacto positivo na região.

SINTRA PH30 COMO LABORATÓRIO DE FUTURO

O aniversário UNESCO ganhou força adicional através do Sintra PH30, programa que marcou todo o ano e colocou os jovens no centro de uma abordagem renovada ao património. O projeto partiu de um princípio simples: aproximar novas gerações de um território que só se revela plenamente quando é vivido. Ao longo de 2025, o PH30 promoveu atividades exclusivas que transformaram a relação de muitos jovens com Sintra. Revelou bastidores de restauro, trouxe visitas a estaleiros abertos, propôs percursos na serra, organizou desafios de orientação, experiências noturnas, jogos de mistério, caminhadas e encontros com especialistas. A serra tornou-se laboratório, cenário e matéria viva. A aventura conviveu com o pensamento. A descoberta conviveu com a reflexão. Tudo isto ancorado numa premissa essencial: o património também se aprende no corpo, nos sentidos e na partilha de experiências que criam memória e pertença.





TRÊS DIAS QUE MOSTRARAM COMO O PATRIMÓNIO SE VIVE EM COMUNIDADE

O encerramento do programa, entre 6 e 8 de dezembro, mostrou a força desta aproximação. A Talk Os Jovens e o Património, no Palácio Nacional de Sintra, criou um espaço de reflexão profunda sobre a importância do património na formação das novas gerações. A sessão reuniu jovens participantes do programa e intervenientes do pensamento educativo e cultural, entre eles Paulo Pires do Vale e António Carlos Cortez, e recuperou exemplos inspiradores, desde projetos comunitários no bairro do Zambujal à recuperação das catacumbas de Nápoles pela mão da La Paranza Social Cooperative. O debate procurou responder a uma questão decisiva: como convocar jovens que vivem num mundo acelerado, saturado de estímulos, a reconhecerem no património um bem comum que os interpela e responsabiliza? As respostas surgiram na forma de testemunho, experimentação e pensamento crítico, demonstrando que a educação patrimonial ganha força quando se abre ao diálogo e à criação conjunta.

O dia incluiu ainda uma visita guiada ao Palácio

Nacional de Sintra conduzida pelo diretor dos Palácios sob gestão da Parques de Sintra, uma atuação musical com alunos do Conservatório de Música de Sintra e a cerimónia dos Prémios InstaHeritage, que recuperou, através das lentes dos participantes, o olhar fresco e atento sobre a Paisagem Cultural de Sintra. A noite trouxe um escape room construído a partir de pistas deixadas por um prisioneiro histórico do Paço de Sintra, numa experiência que fundiu memória, jogo e arquitetura. O fim de semana prolongou-se com a última Ghost Experience no Convento dos Capuchos, onde a figura de Frei Honório de Santa Maria reapareceu num percurso sensorial que devolveu à pedra o silêncio e o assombro que a definem, e terminou com uma travessia pela Tapada de D. Fernando II, em bicicleta ou a pé, marcada por desafios que recordaram a dimensão física e natural do património.

SINTRA (AINDA MAIS) MÁGICA

O ano termina com uma outra celebração, distinta mas complementar. A Sintra Mágica – Era uma vez um Natal Mágico inaugurou em 1 de dezembro com uma imagem inédita do território: as iluminações de quatro monumentos — Palácio Nacional de Sintra, Palácio Nacional da Pena, Palácio Nacional de Queluz e Quinta da Regaleira — acenderam em simultâneo, criando uma geografia luminosa que uniu a serra e a vila num gesto simbólico de grande impacto público. A programação decorre já em pleno e prolonga-se até 6 de janeiro, sustentando uma quadra natalícia que articula património e imaginação com invulgar coerência.

A iluminação cénica integral da Pena, visitável à noite gratuitamente, nos dias 4,5,11,12,13,18,19,20, 26 e 27 de dezembro, confere ao palácio uma presença quase mítica na paisagem. A Vila recebe o público num ambiente festivo cuidadosamente desenhado para preservar a dignidade do Terreiro do Palácio Nacional, agora ocupado por um carrossel tradicional, uma árvore de Natal com





dezasseis metros, música criada para a ocasião e ateliers pensados para famílias. O vídeo mapping projetado sobre a fachada do Palácio da Vila transforma o edifício na maior fábrica de Natal do concelho, com bonecos mecânicos, bailarinas e comboios a ganhar vida digital, num diálogo entre tecnologia, fantasia e património. Durante o mês, o espírito natalício espalha-se por Queluz, que também apresenta um espetáculo de vídeo mapping, pelo Parque da Pena, pelo Convento dos Capuchos, pelo Paço dos Ribafria e por vários pontos da vila, com concertos, teatro, exposições e atividades que ampliam a relação entre comunidade e território. A programação completa pode ser consultada em www.sintramagica.pt.

Todas estas iniciativas, desde o aniversário UNESCO, à distinção internacional nos World Travel Awards, programa Sintra PH30 e temporada natalícia Sintra Mágica,

revelam um território que reforça a sua identidade ao projetar-se para o futuro. Sintra combina autenticidade e inovação com uma naturalidade que lhe é própria. A serra continua a ser lugar de espanto, mas é também espaço de planeamento rigoroso, de investigação científica, de criação cultural e de encontro comunitário. O património vive na forma como se cuida, na forma como se comunica e na forma como se abre ao público.

Três décadas depois, Sintra reafirma a sua capacidade de transformar quem a visita e quem nela vive. O aniversário não se encerra em celebrações. Torna-se ponto de partida para o que virá. A serra guarda memórias antigas, mas projeta-se como paisagem de futuro. E continuará a fazê-lo enquanto houver mãos, olhos e pensamento capazes de a reconhecer como um dos lugares essenciais da cultura portuguesa.

www.parquesdesintra.pt



NATAL À PORTUGUESA

Há tradições que resistem ao tempo sem que seja necessário qualquer esforço para as preservar. O Natal em Portugal é uma delas. Mudam-se as cidades, as rotinas e até as formas de celebrar, mas a quadra continua a ser um ponto de reencontro da família, do convívio e do calor da (nossa) casa.

Nas aldeias do interior ainda se acende o madeiro na noite de 24 de dezembro. Em Penamacor, Idanha-a-Nova, Monfortinho ou Monsanto, o lume arde durante dias, símbolo antigo de purificação e esperança. O gesto é coletivo e remonta a tempos pagãos, quando o fogo marcava o solstício e o regresso da luz. Hoje, é também uma celebração comunitária, onde o frio serrano contrasta com o brilho das brasas e o som das conversas que não se apagam.

Mais a norte, nas aldeias do Barroso, o inverno é rigoroso e o Natal chega como intervalo luminoso na paisagem gelada. Pitões das Júnias, Tourém ou Vilar de Perdizes mantêm a tradição de reunir vizinhos e famílias em torno do fogo, partilhando o que a terra deu e o ano permitiu. O presépio vive nas casas, mas também nas ruas, nas vozes que se cruzam à saída da missa e na partilha silenciosa de um copo de vinho junto à lareira.

Em todo o país, a mesa continua a ser o verdadeiro altar da celebração. O bacalhau com couves, o polvo, o arroz-doce, a aletria e as rabanadas desenham um mapa afetivo da gastronomia portuguesa. No Minho, o Natal reparte-se entre a ceia e a Missa do Galo; no Alentejo, prolonga-se até às Janeiras; na Madeira e nos Açores, mistura-se com os ranchos, os mercados e as cantorias que animam as ruas.

O presépio conserva centralidade na cultura doméstica portuguesa. De matriz barroca, tornou-se expressão de arte popular, onde o Menino coexiste com pastores, artesãos, músicos e figuras animais, compondo uma narrativa que cruza devoção e identidade.

Nas cidades, o Natal assume ritmos próprios. No Porto, a Baixa ilumina-se entre o Bolhão e os Clérigos, com reflexos no Douro e o cheiro a castanhas a marcar a época. O comércio ganha intensidade, mas mantém-se a sobriedade típica da cidade, nesse “olhar grave e sério” que Carlos Tê fixou em Porto Sentido.

Em Braga, tradição e convívio cruzam-se. As igrejas acolhem coros e concertos, o Bom Jesus destaca-se na encosta e, na tarde de 24, a cidade junta-se no “Bananeiro”, encontro que já faz parte da sua memória coletiva.

Em Lisboa, o Natal vive-se entre bairros e largos. Alfama e Campo de Ourique preservam um sentido de vizinhança, enquanto o Rossio recupera o ambiente dos mercados de inverno. Ao final do dia, a luz sobre o Tejo acrescenta uma pausa rara à rotina da capital.

Estas diferenças regionais acentuam um traço comum do Natal português, que em qualquer lugar continua a conjugar comunidade, memória e um sentido discreto de festa que resiste ao tempo.



A MAGIA DO ESPÍRITO NATALÍCIO

O Museu e Igreja da Misericórdia do Porto reúne tradição, alma, música e até um ‘mundo dos sonhos’ nesta quadra festiva. Nas várias representações que lá é possível encontrar, há homenagens a Arraiolos e à Serra da Estrela.

Ao longo deste mês de dezembro, o Museu e Igreja da Misericórdia do Porto tem tido uma agenda de atividades para diferentes públicos, que contempla uma exposição, um concerto, um workshop e um conto infantil, além da instalação artística que faz a osmose entre traços culturais do ponto mais alto de Portugal com outros típicos das planícies mais a sul. Neste último caso, a referência vai para a inauguração da árvore de Natal, que este ano é inspirada na Serra da Estrela e no tapete de Arraiolos.

Intitulada “A Estrela da Serra” e resultado do trabalho conjunto do grupo “O Valor do Tempo” e do Centro de Formação Profissional da Indústria de Ourivesaria e Relojoaria, a instalação que deu início ao calendário de iniciativas da Misericórdia do Porto exhibe sete camadas de velos suspensos, transformando a lã da ovelha serrana em pontos tridimensionais organizados graficamente por cores, de onde é extraída uma referência ao pontilhismo, corrente artística derivada do movimento impressionista.

O musgo com a característica cor verde, os tons do granito, do frio do inverno e do calor do lume, o azul do céu e o amarelo do sol e da estrela que tradicionalmente coroa a árvore, evocam a paisagem da Serra da Estrela e permitirão aos visitantes sentir as texturas e explorar a cromatografia da obra.

“A instalação presta homenagem aos pastores da Serra da Estrela, cujo trabalho silencioso sustenta a paisagem e mantém viva a produção artesanal da lã. Cada novelo representa a história das mãos que trabalham este material, transformando-o em arte, memória e narrativa visual”, explicam os criadores do conceito.

A exposição “É preciso ter alma”, de Carla M., que está patente até 1 de março de 2026 e “que desafia os ditames tradicionais da arte e os padrões estereotipados da beleza feminina”, reúne pinturas sobre cerâmica e telas que exploram temas como a metamorfose e a liberdade.

Durante este mês, a Igreja Privativa da Misericórdia do Porto foi palco para o Concerto de Natal, protagonizado pelo Quarteto Provocalis, pelo Coro do Ateneu Comercial



do Porto e pelo Coro Corpus Christi (da Cooperativa Gaia Maior – Academia Sénior), sob direção artística da maestrina Lígia Castro.

Também pelo Museu houve uma oficina, que fundiu expressão artística, terapia e sonho, orientada por Maria Antónia Jardim, e uma atividade designada a Hora do Conto “O Tripinhas”, destinada a crianças dos seis aos dez anos.

PROENÇA-A-NOVA

• MERCADO DOS •
SABORES DE

Natal



20-21 DEZ '25

SÁBADO 15h00 - 00h00
DOMINGO 11h00 - 20h00

CASINHA DO PAI NATAL
CARROSSEL
COMBOIO
ANIMAÇÃO
GASTRONOMIA
ARTESANATO
INSUFLÁVEIS

LOCAL
PAVILHÃO MUNICIPAL

20 SÁBADO

15:00 ESCOLA DE CONCERTINAS
DE PROENÇA-A-NOVA
16:00 ANIMAÇÃO INFANTIL "BOLHAS DE SABÃO
GIGANTES E FORMAS ANIMADAS"
18:00 COZINHA AO VIVO
CHEF FÁBIO BERNARDINO
19:00 MÁGICO - ANDRÉ MELÃO
20:00 SÃO 7, MAS EU N'BEBO
21:00 ANJOS EM ANDAS - MIMABÔ
21:30 JOÃO CARVALHO & DIOGO DA GAITA
00:00 ENCERRAMENTO



21 DOMINGO

11:00 FANFARRA DE NATAL
15:00 PARADA DE NATAL ATRAPALHARTE
16:00 COZINHA AO VIVO
CHEF MARIA CALDEIRA DE SOUSA
O PROVENCE
18:00 BABOSA BRASS BAND
20:00 ENCERRAMENTO



www.cm-proencanova.pt

Ao participar neste evento, está a autorizar a utilização de imagens
para a divulgação e publicidade de iniciativas do Município.



UMA INICIATIVA



COM O APOIO



O SOM DO NATAL PORTUGUÊS

Há músicas que atravessam gerações e regressam todos os anos com o mesmo poder de reconhecimento. No Natal, basta o primeiro acorde para que a memória se ative. Portugal não tem um repertório natalício único, mas múltiplas formas de o cantar, das aldeias do interior aos palcos urbanos, das Janeiras às versões modernas que ecoam nas rádios.

Durante séculos, o Natal português foi celebrado sobretudo através da voz coletiva. Os cânticos religiosos e as modas populares misturavam-se nas igrejas, nas praças e nas ruas. A tradição das Janeiras (grupos que percorrem as localidades desejando bom ano) ainda sobrevive em muitas regiões, em especial no Norte e no Alentejo. Nesses cantares, o sagrado e o profano cruzam-se sem fronteiras, com louvor, humor e partilha.

Na música erudita, compositores como Fernando Lopes-Graça recolheram e harmonizaram melodias tradicionais, dando-lhes nova dignidade sem lhes retirar autenticidade. Nas décadas de 1960 e 1970, intérpretes como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira integraram temas de inspiração natalícia nos

seus repertórios, muitas vezes como metáforas de esperança e renascimento em tempos de censura.

O Alentejo dá ao Natal um tom coral. As vozes do Cante enchem os adros com uma solenidade antiga, onde o compasso lento e as harmonias abertas criam uma atmosfera de recolhimento. Na Madeira, os ranchos de romeiros anunciam a festa nas ruas, e nos Açores, a música popular mistura instrumentos de corda e de sopro numa celebração que é também convívio.

A partir dos anos 1980, o Natal entrou definitivamente no universo da música popular. As rádios e a televisão deram-lhe novos intérpretes e linguagens. Canções como A Todos um Bom Natal, do Coro de Santo Amaro de Oeiras, tornou-se parte do imaginário coletivo. Nas últimas décadas, artistas de diferentes estilos

— de Simone de Oliveira a Rui Veloso e Camané — revisitaram o Natal à sua maneira, entre o clássico e o contemporâneo.

Mas o verdadeiro som da quadra não está apenas nas canções gravadas. Vive nas pequenas coisas: no órgão das igrejas rurais, nos ensaios dos grupos corais, no rumor das feiras e nos concertos solidários que se multiplicam em dezembro. É uma música que pertence à memória e à proximidade, mais do que ao mercado.

Quando as luzes se apagam e o frio aperta, o som do Natal português continua a ser, sobretudo, o das vozes que se juntam. Nas cidades e nas aldeias, há sempre alguém que entoa um verso antigo ou uma melodia simples.

UMA MEMÓRIA COLETIVA QUE CONTINUA A SER PRESERVADA

O Município de Mogadouro é rico em tradições e património cultural, que fazem com que, atualmente, seja uma atração para turistas nacionais e internacionais. Em entrevista à Portugalidade Magazine, António Joaquim Pimentel, Presidente da Câmara Municipal de Mogadouro, conta o que está a ser feito para tornar a cidade raiana num território de referência no estudo e valorização dos rituais e Máscaras de Inverno.



As Máscaras de Inverno e os rituais ligados ao solstício são um dos elementos mais emblemáticos da cultura popular do Nordeste Transmontano. Como descreve a importância destas tradições para o concelho de Mogadouro?

Estas tradições representam uma das expressões mais profundas da nossa identidade. As máscaras, os sons, os rituais e a relação com o ciclo agrícola são marcas de uma memória coletiva que soubemos preservar. Em Mogadouro, estes rituais não são apenas uma manifestação festiva, são um testemunho vivo da nossa história e uma forma de manter viva a ligação entre gerações.

Nos últimos anos tem havido um crescente interesse turístico por este tipo de manifestações. De que forma o concelho tem beneficiado deste fenómeno?

O impacto tem sido muito positivo. O turismo cultural é hoje uma das áreas mais procuradas e as Máscaras de Inverno têm atraído visitantes nacionais e estrangeiros. Este movimento gera dinamismo económico, fortalece o comércio local, incentiva a restauração e a hotelaria e contribui para a valorização das aldeias. Estamos a trabalhar para que este interesse se mantenha ao longo de todo o ano e não apenas no período festivo.

O Encontro de Rituais Ancestrais, realizado anualmente na aldeia de Bemposta, tem ganho notoriedade. Qual é o papel do Município neste evento?

O Município assume um papel central na organização e no apoio logístico e financeiro. Este encontro é um momento de grande visibilidade para o concelho, reunindo grupos ibéricos e promovendo um diálogo cultural que reforça o valor das nossas tradições. O patrocínio municipal garante que o evento continue a crescer, preservando a autenticidade dos rituais e oferecendo ao público uma experiência cultural única.

Há referência a projetos estruturantes relacionados com este património. Pode explicar-nos o que está a ser feito?

Estamos a desenvolver vários projetos que visam consolidar Mogadouro como um território de referência no estudo e valorização das máscaras e rituais de Inverno. Um dos mais importantes é a candidatura apresentada ao Turismo de Portugal para a criação da Casa da Máscara Ibérica, um espaço museológico e interpretativo dedicado à investigação, exposição e dinamização cultural, que ficará localizado na aldeia de Bemposta. Este equipamento pretende ser um

polo atrativo durante todo o ano, com impacto direto no turismo e na economia local.

Existe também o objetivo de alcançar reconhecimento internacional para estas tradições. Em que ponto está esse processo?

Estamos a trabalhar numa candidatura para a classificação das máscaras rituais do concelho de Mogadouro como Património Cultural Imaterial da UNESCO. É um processo exigente, que implica investigação rigorosa, documentação etnográfica e envolvimento das comunidades, mas acreditamos plenamente no valor universal deste património. O reconhecimento internacional seria um passo decisivo para a sua preservação e para a projeção do concelho no panorama cultural global.

Que mensagem gostaria de deixar às comunidades que mantêm vivos estes rituais?

A minha mensagem é de profundo agradecimento. São as pessoas das aldeias, os grupos, as famílias e os mais velhos que mantêm acesa esta tradição. Sem o seu empenho, nada disto seria possível. O Município está ao lado de todos, determinado a preservar, valorizar e promover aquilo que é genuinamente nosso.

A Casa da Máscara Ibérica – Centro de Interpretação localizar-se-á num edifício situado na Rua do Castelo, na Freguesia de Bemposta, Concelho de Mogadouro. Apelidada pela tradição local de “Mina do Inferno” ou somente de “Inferno”, no passado, o edifício era o ponto de início da tradição do “Chocalheiro de Bemposta”. O bianual ritual iniciava-se no “Inferno”, com a saída da figura do Chocalheiro do edifício para as ruas de Bemposta. Atualmente, em avançado estado de degradação, foi reconhecida a necessidade de conservar o edifício pela comunidade local, atendendo ao valor histórico e cultural que lhe foi atribuído.

No que diz respeito ao sistema construtivo proposto, procura-se propositadamente um visível contraste entre a estrutura tradicional preexistente e as alterações contemporâneas, sem comprometer uma boa integração urbana e paisagística. O projeto prevê preservar a alvenaria de granito pré-existente.

Neste sentido, pretende-se que a obra de reabilitação da Casa da Máscara Ibérica – Centro de Interpretação seja um modelo-exemplo do princípio de respeito pela estreita relação entre a intervenção de requalificação e o território envolvente.



Desenhos 3D do projeto de reabilitação do edifício "Inferno", que acolherá a Casa da Máscara Ibérica – Centro de Interpretação.

A SABEDORIA DE AMAR TUDO

José Tolentino Mendonça regressa com *Para os Caminhantes Tudo É Caminho*, uma meditação sobre o sentido da vida e o poder transformador da esperança.

Publicado pela Quetzal a 13 de novembro, o novo livro de José Tolentino Mendonça confirma o lugar singular do cardeal e poeta madeirense entre as vozes que, em português, mais profundamente têm refletido sobre a espiritualidade contemporânea. *Para os Caminhantes Tudo É Caminho* é um convite à contemplação, um livro de silêncio e de travessia interior que fala de amor, perdão, perda, tempo e recomeço. Temas que atravessam toda a sua obra e que aqui se condensam numa escrita depurada e luminosa.

«Chegará o momento em que compreenderemos que sabedoria é amar tudo», escreve

Tolentino, num gesto que aproxima a fé do humano e a teologia da experiência quotidiana. O livro não pretende ser um tratado nem um sermão. Trata-se de um percurso feito de breves meditações que convocam o leitor a reencontrar o essencial num mundo saturado de ruído. “Saudar os dias sem esquecer a importância das horas; contemplar as grandes torrentes sem deixar de agradecer cada gota de orvalho; estimar o pão sem esquecer o sabor das migalhas.”

Cardeal desde 2019 e atual prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé, Tolentino Mendonça tem procurado construir pontes entre o sagrado e o profano, entre a palavra poética e a palavra bíblica. É esse movimento que Pedro Mexia sublinha ao descrevê-lo como alguém “com um gosto particular em fazer pontes com pessoas que não têm as mesmas convicções ou a mesma visão do

mundo”, uma qualidade que o Papa Francisco também reconheceu ao agradecer-lhe o apelo “a abrir-se sem medo, sem rigidez”.

Natural de Machico, José Tolentino Mendonça estudou Ciências Bíblicas em Roma e vive no Vaticano desde 2018. Foi responsável pela Biblioteca Apostólica e pelo Arquivo Secreto do Vaticano, e é autor de uma vasta obra ensaística e poética distinguida com os prémios Pessoa e Eduardo Lourenço, entre muitos outros. Desde 2017, publica pela Quetzal títulos que têm marcado a

reflexão espiritual portuguesa, como *Elogio da Sede*, *Teoria da Fronteira* ou *A Mística do Instante*.

Em *Para os Caminhantes Tudo É Caminho*, Tolentino retoma essa linha de pensamento, lembrando que a esperança não é uma emoção vaga, mas uma prática quotidiana: a arte de permanecer desperto para a beleza, mesmo quando o mundo parece cansado. O livro lê-se como um companheiro discreto, um guia para tempos de perplexidade e um bálsamo para quem procura reencontrar sentido nas coisas. Com o Natal à vista, impõe-se como uma leitura que devolve o silêncio e a medida do essencial.





Vila Verde
Município

mais próximo das pessoas

Vila Verde é Natal

ILUMINAÇÃO DE NATAL

28 de novembro | Vila Verde

MERCADO DE NATAL

13 a 24 de dezembro | Pç. de Stº. António

ANIMAÇÃO DE NATAL - PISTA DE GELO

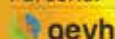
13 a 31 de dezembro | Vila Verde

NATAL NA MONTANHA

19 a 21 de dezembro
Gontinho, Duas Igrejas
Ribeira do Neiva



Parceria:



CONCURSO DE MONTRAS

VILA VERDE, VADE E VILA DE PRADO
1 a 31 de dezembro

“APAGÃO” É A PALAVRA DO ANO 2025

“Apagão” tornou-se a Palavra do Ano 2025 e impôs-se como síntese das fragilidades tecnológicas que marcaram a vida coletiva portuguesa. “Imigração” e “flotilha” fecharam o pódio das palavras mais votadas.

A Porto Editora divulgou o resultado da votação pública e confirmou “apagão” como o termo que mais ressoou na memória do país. O episódio de abril, que paralisou serviços, transportes, equipamentos hospitalares e sistemas digitais, não foi apenas um contratempo técnico. Transformou-se num símbolo da vulnerabilidade estrutural e abriu debate sobre investimento público, manutenção, cibersegurança e capacidade do Estado para responder a crises de larga escala.

A segunda palavra mais votada foi “imigração”, tema que marcou de forma persistente a agenda política de 2025. A pressão migratória no sul da Europa, os confrontos partidários em torno das políticas de integração, a discussão sobre a revisão da lei da nacionalidade e a crescente instrumentalização do tema no debate televisivo tornaram a imigração numa espécie de campo de batalha discursivo. A tensão entre necessidades económicas, desafios sociais e exploração política esteve presente durante todo o ano, com impacto direto na formulação de programas partidários e na perceção pública do fenómeno.

Logo depois surgiu “flotilha”, expressão que regressou ao centro do debate nacional por via de um episódio que rapidamente se tornou simbólico. A polémica envolvendo Mariana Mortágua e a deslocação numa flotilha durante uma ação política abriu espaço para uma disputa narrativa intensa, com leituras sobre simbolismo político, comunicação pública, exposição mediática e a batalha permanente pelas imagens que moldam o espaço público. A palavra ganhou tração precisamente por encarnar a luta contemporânea pela perceção política e pela gestão de símbolos em tempo real.

As restantes candidatas, da tecnologia à precariedade laboral, das eleições à perceção pública, compuseram uma lista que refletiu o atravessamento de tensões políticas, transformações económicas e episódios que mobilizaram a opinião pública. A Porto Editora baseou a seleção em milhares de sugestões recebidas, no acompanhamento da linguagem mediática e na análise das consultas ao seu dicionário online, reforçando o papel da iniciativa como registo anual das inquietações que moldam o país.

O histórico recente confirma essa função de espelho coletivo. “Liberdade”, escolhida em 2024, surgira num ano de forte reivindicação social; “professor”, “guerra”, “vacina” e “saúde” marcaram o período anterior, cada uma refletindo os temas dominantes do respetivo momento. Em 2025, o lugar simbólico do “apagão” sobrepôs-se a todos, transformando um evento técnico num marco político e social que expôs fragilidades e dependências tecnológicas da sociedade atual.

FESTAS —DE— INVERNO



FESTA DA CABRA : DO CANHOTO

01 NOVEMBRO 2025

LOCAL: CIDÕES

ORG.: ASS. RAÍZES DA ALDEIA DE CIDÕES



ENCAMISADA

31 DEZEMBRO 2025

LOCAL: VALE DAS FONTES

ORG.: ACR AS FONTES



Festa das Rapazes

25 E 26 DEZEMBRO 2025

LOCAL: OUSILHÃO

ORG.: ACR DE OUSILHÃO



Entrudo

17 FEVEREIRO 2026

LOCAL: VILA BOA

ORG.: ADC VILA BOA



Festa das Varas

25 E 26 DEZEMBRO 2025

LOCAL: REBORDELO



DIA DOS DIABOS

18 FEVEREIRO 2026

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

LOCAL: VINHAIS



FESTA DE SANTO ESTÊVÃO "— Dê cá uma coroinha!"

27 DEZEMBRO 2025

LOCAL: TRAVANCA

ORG.: COMISSÃO DE FESTAS | ACATV



Dia da Morte

18 FEVEREIRO 2026

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

LOCAL: EDROSA



MIL DIABOS À SOLTA VINHAIS

21 FEVEREIRO SÁBADO 2026

ATENÇÃO: É A VESTIR A PELE DO DIABO!

VINHAIS

BARREIRO NATURAL — ONDE A CIDADE ABRAÇA A NATUREZA

O Barreiro é cada vez mais reconhecido como um concelho que valoriza os seus espaços naturais, apostando na preservação dos seus recursos, na educação ambiental e na requalificação das suas zonas ribeirinhas. Do coração verde da Mata da Machada aos trilhos serenos do Sapal do Rio Coina, passando pelas margens recuperadas do Tejo e do Coina e a recente revitalização do Moinho Grande, o município tem feito uma caminhada firme rumo à valorização do seu património natural.

MATA NACIONAL DA MACHADA E SAPAL DO RIO COINA: O PULMÃO E O REFÚGIO DA BIODIVERSIDADE



A Mata Nacional da Machada é, há muito, um dos principais ativos naturais do concelho. Com cerca de 380 hectares, constitui a maior mancha verde contínua do Barreiro, povoada por pinheiro-bravo, manso e sobreiros. A grande heterogeneidade de comunidades vegetais que aqui encontramos constitui o habitat de diversas espécies animais.

Atualmente, a Mata é um local privilegiado para atividades de desporto, recreio e lazer. Os dois parques de merendas, os diversos fontanários, os percursos pedestres e de BTT, assim como o circuito de arborismo para os mais jovens e a estação de calistenia para os fãs de desporto ao ar livre, estão à disposição de todos aqueles que pretendam passar um dia diferente, em contacto com a natureza.

Mesmo ao lado da Mata da Machada, encontra-se o Sapal do Rio Coina, uma zona húmida de elevada sensibilidade ecológica, com a sua vegetação característica, e que assume uma enorme importância como área de alimento e nidificação para a avifauna. Funciona também como berçário para várias espécies de peixes, devido às suas águas pouco movimentadas e ricas em nutrientes, e aqui também podemos encontrar diversos invertebrados aquáticos.

Estes dois espaços integram a Reserva Natural Local do Barreiro, formando um corredor ecológico vital, onde a conservação da natureza e a fruição da população convivem em equilíbrio.

CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: 20 ANOS A PROMOVER A CIDADANIA AMBIENTAL



É neste contexto privilegiado que o Centro de Educação Ambiental da Mata da Machada e Sapal do Coína (CEA) tem desempenhado, ao longo dos últimos 20 anos, um papel fundamental na sensibilização ambiental de crianças, jovens e adultos. Com programas educativos variados, oficinas, workshops e passeios interpretativos, o CEA tem promovido a ligação da população ao seu território e à natureza que o envolve. Este ano, além de celebrar duas décadas de existência, o CEA viu reconhecido o seu trabalho com o Prémio de Excelência Autárquica, um galardão que destaca boas práticas a nível nacional — distinção que reafirma o Barreiro como referência na educação e cidadania ambiental.

Segundo Rui Pedro Pereira, Vereador responsável pelo Centro de Educação Ambiental, “num tempo em que os desafios ambientais são cada vez mais urgentes, é fundamental aproximar as crianças e jovens dos espaços naturais do nosso concelho, despertando a consciência ecológica e o sentido de responsabilidade”

Nas palavras do Autarca, “o CEA trabalha diariamente com a missão de inspirar, sensibilizar e envolver a população. Acredito que, mais do que nunca, é importante focarmo-nos na preservação dos espaços naturais do Barreiro, áreas com significativa diversidade ecológica, em plena convivência com a cidade”.

FRENTES RIBEIRINHAS: O BARREIRO VOLTA-SE PARA O RIO



Outro eixo estruturante da política ambiental e urbana do município tem sido a valorização das suas frentes ribeirinhas. Ao longo dos últimos anos, projetos como o Polis do Barreiro transformaram margens antes abandonadas em zonas vivas, com percursos pedonais e cicláveis, áreas de lazer e novos pontos de encontro. Esta requalificação tem permitido reaproximar os barreirenses do rio, reforçando a sua identidade marítima e fluvial.

MOINHO GRANDE: PATRIMÓNIO RECUPERADO



Exemplo mais recente deste esforço foi a reabertura ao público do Moinho Grande, após um processo de reabilitação que devolveu funcionalidade e dignidade a este símbolo da história local. Situado na zona de Alburrica, este moinho de maré funciona como um espaço âncora nesta área da cidade, ao mesmo tempo que permite preservar a memória da indústria moageira.

Depois da recuperação do Moinho de Vento Nascente e da reconversão do Moinho Pequeno em centro interpretativo, em 2019, forma-se agora um circuito visitável, através dos passadiços de Alburrica.

Assim, não se trata apenas da requalificação de um moinho, mas de uma estratégia desenhada para toda a zona envolvente, onde vão acontecer eventos como concertos, aulas de ginástica, apresentações de livros, sunsets e várias atividades culturais.

Integrado num espaço de visita e interpretação ambiental, o Moinho Grande é um novo polo de atração que liga a herança patrimonial às preocupações ambientais contemporâneas.

BARREIRO: NATUREZA, EDUCAÇÃO E FUTURO

A estratégia do Barreiro tem-se afirmado pela coerência entre conservação ambiental, educação e requalificação urbana. Os espaços naturais como a Mata da Machada e o Sapal do Coína são hoje mais do que paisagens: são laboratórios de cidadania ecológica. O Centro de Educação Ambiental tem sido o coração dessa missão, e a recuperação das frentes ribeirinhas devolve ao concelho a sua ligação ancestral ao rio.

OS PRIMEIROS 25 ANOS DO SÉCULO XXI

O primeiro quarto do século XXI expôs a velocidade da História e a fragilidade das certezas. Terrorismo global, crises financeiras, revoluções digitais, pandemias e guerras devolveram-nos um mundo instável, interdependente e em permanente mutação. A sucessão de acontecimentos que atravessámos permite-nos perguntar se teremos atingido o ponto sem retorno.

O SÉCULO COMEÇA COM UMA PROMESSA CURTA

O milénio abre com a sensação de estabilidade e expectativa herdada dos anos 90. A globalização parece madura, a Internet expande-se como instrumento universal e as economias avançadas funcionam em modo de confiança tranquila. Essa impressão desfaz-se em setembro de 2001. Os atentados de Nova Iorque e Washington interrompem a narrativa otimista e inauguram a lógica da guerra ao terror. O Afeganistão torna-se o primeiro campo de operação dessa nova política global, ao mesmo tempo que democracias ocidentais ajustam legislação, segurança e vigilância. O século irrompe com a consciência de vulnerabilidade.

GUERRAS QUE REDESENHAM MAPAS

A invasão do Iraque, em 2003, prolonga a instabilidade que já se adivinhava. A região entra num ciclo de reconfigurações políticas e humanitárias que marcarão as décadas seguintes. Ao mesmo tempo, a China consolida a sua ascensão económica e altera equilíbrios globais. Em 2007–2008, a crise financeira expõe inesperadamente a fragilidade do sistema económico internacional.

Bancos caem, mercados recuam e milhões de pessoas enfrentam desemprego e perda de segurança. Neste período, a globalização deixa de ser vista como inevitável e passa a ser objeto de disputa.

QUANDO AS RUAS GANHAM VOZ

O início da década de 2010 revela tensões acumuladas. A “Primavera Árabe”, iniciada em 2010, mostra o alcance político das redes digitais e a força das reivindicações sociais. O desfecho é desigual: da esperança democrática à regressão autoritária, passando pela guerra civil síria e pela maior crise de refugiados dessa geração. No Ocidente, movimentos como o Occupy denunciam desigualdades agravadas pela crise financeira. A política global torna-se mais emocional, mais fragmentada e mais exposta à velocidade das plataformas digitais.

A VOLTA DA GEOPOLÍTICA DURA

Em 2014, a anexação da Crimeia pela Rússia reintroduz a competição estratégica entre grandes potências. A Europa, ainda concentrada na recuperação económica, confronta-se com o regresso de lógicas de força que pareciam enterradas no século XX. O Daesh surge como

2001

protoestado terrorista, ocupando território e impondo uma nova gramática de violência. A sensação de imprevisibilidade torna-se parte da vida internacional.

DEMOCRACIAS EM TENSÃO

O ano de 2016 cria um ponto de inflexão. O Brexit e a eleição de Donald Trump revelam fissuras profundas nas democracias liberais: polarização, desinformação, ressentimento social e erosão da confiança institucional. O campo político altera-se e a perceção pública do que é possível ou provável muda radicalmente. A tecnologia digital, antes vista como facilitadora de participação, ganha protagonismo como instrumento de manipulação e fragmentação.

CLIMA E TECNOLOGIA IMPÕEM NOVA AGENDA

O final da década confirma duas forças estruturantes. A crise climática intensifica-se, com temperaturas recorde, fenómenos extremos e alertas científicos que deixam de ser projeções para se tornarem constatações. Em paralelo, a ascensão tecnológica redefine poder e soberania: inteligência artificial, recolha massiva de dados, vigilância digital e disputa por semicondutores transformam tecnologia em geopolítica. A noção de privacidade altera-se, a escala das plataformas torna-se um problema político.

2020: O MUNDO SUSPENSO

A pandemia de COVID-19 reconfigura tudo. Sistemas de saúde entram em rutura, fronteiras fecham e a economia global contrai de forma abrupta. O teletrabalho expande-se, a escola migra para ecrãs e a desigualdade amplia-se. A ciência demonstra capacidade de resposta veloz, mas a desinformação corrói a confiança pública.

A pandemia expõe dependências logísticas e revela o grau de interligação das sociedades modernas.

A GUERRA REGRESSA À EUROPA

A invasão da Ucrânia em 2022 devolve à Europa uma guerra convencional de grande escala. As consequências atravessam energia, segurança, agricultura e indústria. Alianças são testadas e a ordem internacional torna-se novamente volátil. Nas regiões vizinhas, conflitos prolongados reacendem tensões que se acumulam desde o início do século.

UMA ACELERAÇÃO QUE MUDA A PRÓPRIA NOÇÃO DE HUMANO

Nos anos seguintes, a inteligência artificial generativa entra no quotidiano de forma irreversível. A tecnologia transforma produção, comunicação, criatividade e decisão. Pela primeira vez, ferramentas amplamente acessíveis alteram o domínio cognitivo da experiência humana. Democracias enfrentam novos desafios, economias reorganizam-se em torno da transição energética e o clima instala-se como variável permanente. O mundo entra em 2025 consciente da sua interdependência e da sua vulnerabilidade estrutural.

EPÍLOGO DE UM CICLO BREVE

O primeiro quarto do século XXI acaba por ser um arco coerente de aceleração, risco e transformação. Cada crise abriu uma mudança, cada mudança revelou uma fragilidade e cada fragilidade expôs a necessidade de pensar o mundo com mais profundidade. A História avançou depressa e sem intervalos, a tarefa agora é reencontrar maturidade democrática e bom senso suficiente para que a velocidade não nos dispense de pensar.

2025

UM QUARTO DE SÉCULO EM PORTUGAL

O primeiro quarto do século XXI colocou Portugal diante de uma sequência de avanços e sobressaltos que moldaram a forma como o país se pensa a si próprio. Entre expansão económica e fragilidades estruturais, entre projeção cultural e desigualdade territorial, entre entusiasmo europeu e crises políticas, estes vinte e cinco anos compõem um retrato de modernização intensa mas incompleta, exigindo hoje uma maturidade capaz de transformar experiência em visão.

“A CULPA NÃO PODE MORRER SOLTEIRA”

O século começou com um país que conciliava confiança e vulnerabilidade. Portugal beneficiava ainda da energia acumulada pelos anos de financiamento europeu, mas carregava tensões que nem sempre eram reconhecidas. Em março de 2001, a queda da ponte que ligava Entre-os-Rios a Castelo de Paiva, marcou uma das mais profundas tragédias da democracia. A rutura da infraestrutura, que levou consigo dezenas de vidas, expôs falhas graves na manutenção viária, no ordenamento do território e na capacidade de vigilância do Estado. A comoção nacional abriu um debate que ultrapassou a engenharia e entrou na esfera da responsabilidade política e ética, revelando que o país não estava preparado para lidar com as fragilidades que a modernização tinha deixado para trás. Na sequência da tragédia, o ministro Jorge Coelho, apresentou de imediato a demissão, assumindo que “a culpa não pode morrer solteira”.

O “PÂNTANO” E O “PAÍS DE TANGA”

Meses depois, a derrota do Partido Socialista nas autárquicas levou António Guterres a apresentar a demissão. A declaração ficou inscrita na memória pública. Disse que saía para evitar que o país entrasse num “pântano político” e que o clima de ingovernabilidade acabasse por prejudicar ainda mais a sociedade. Foi uma demissão rara no sistema político português e marcou a abertura de um novo

ciclo. As eleições antecipadas de 2002 deram vitória a Durão Barroso, que assumiu o Governo num contexto económico tenso. Pouco depois, revelou-se que as contas públicas estavam longe da solidez apresentada e que havia um desvio significativo no défice. O ambiente político condensou-se numa expressão que se tornou símbolo desse período: “país de tanga”. Esta imagem, repetida e disputada, sintetizou uma perceção de fragilidade nacional que viria a acompanhar a década.

A AUSTERIDADE E OS ANOS DA TROIKA

A partir daí, Portugal seguiu um caminho oscilante. A economia cresceu lentamente, a produtividade manteve-se baixa e o país preparava-se para entrar na maior crise financeira das últimas décadas. Entre 2008 e 2014, Portugal enfrentou um período de austeridade severa, marcado pela intervenção da troika, pelo aumento abrupto do desemprego, pela quebra de rendimento e pela desconfiança nas instituições. Muitas famílias perderam segurança, milhares de jovens emigraram e a polarização social ganhou espaço. Ainda assim, o país atravessou esse período sem rutura institucional e com uma capacidade de resistência que surpreendeu observadores externos. A democracia manteve-se funcional num cenário de pressão económica extrema, revelando uma maturidade cívica que o próprio país nem sempre reconhece.

TURISMO E EXPORTAÇÕES NO CENTRO DA RECUPERAÇÃO

Quando a economia começou a recuperar, emergiu um novo ciclo de transformação. As exportações duplicaram o seu peso no PIB, o turismo consolidou-se como um dos principais motores económicos e as indústrias culturais ganharam presença internacional. Lisboa e Porto reinventaram-se como cidades cosmopolitas, alimentadas por reabilitação urbana, investimento estrangeiro e novas dinâmicas sociais. Museus, criadores, gastronomia e literatura ampliaram a projeção portuguesa num mundo cada vez mais atento às identidades culturais. A qualificação das novas gerações cresceu como nunca, com mais acesso ao ensino superior, mais competências digitais e maior mobilidade académica.

A CRISE DA HABITAÇÃO E A DESIGUALDADE TERRITORIAL

Este movimento trouxe vitalidade, mas também tensões. O preço da habitação disparou nas áreas urbanas, a gentrificação alterou equilíbrios comunitários e o turismo intensivo expôs limites ambientais e infraestruturais. No Interior, a realidade seguiu um rumo distinto. A perda de população agravou-se, o envelhecimento tornou-se estrutural e serviços essenciais tornaram-se cada vez mais escassos. A assimetria entre litoral concentrado e interior rarefeito tornou-se uma das marcas persistentes do período, exigindo um debate sério sobre coesão territorial, mobilidade, fiscalidade e modelos de desenvolvimento.

DE UM PAÍS QUE SAÍA A UM PAÍS QUE RECEBE

A demografia impôs-se como o grande tema silencioso destes vinte e cinco anos. Portugal entrou no século XXI com uma taxa de fecundidade abaixo do limiar de substituição e viu esse número manter-se persistentemente baixo. O índice de envelhecimento quase duplicou e o país tornou-se um dos mais envelhecidos da Europa. A imigração ajudou a equilibrar a balança, mas não alterou a tendência de fundo. A estrutura etária passou a condicionar economia, políticas sociais, sustentabilidade do Estado e organização do território. É hoje impossível pensar o futuro sem enfrentar esta realidade.

PANDEMIA E A RADICALIZAÇÃO DO DISCURSO

No plano político, o período foi marcado por rotatividade, emergência de novos partidos, reorganização da direita e recomposição da esquerda. A confiança pública oscilou, mas Portugal manteve mecanismos democráticos robustos, resistindo a radicalizações que afetaram outros países europeus. A crise pandémica de 2020 voltou a testar o país. Os serviços de saúde chegaram ao limite, mas a resposta científica, institucional e comunitária revelou capacidade de adaptação. O teletrabalho, a digitalização e a reorganização das rotinas mostraram um país mais flexível do que parecia.

QUE CAMINHO?

No final deste primeiro quarto de século, Portugal apresenta um perfil complexo. É mais qualificado, mais internacional, mais culturalmente presente, mas também mais frágil demograficamente e mais desigual no território. Mostra vitalidade criativa, mas revela limites económicos persistentes. É um país que avança, mas que carrega hesitações que o impedem de transformar progresso em estratégia. O que emerge deste balanço é uma necessidade clara de maturidade democrática, lucidez nas prioridades e bom senso na ação pública. O futuro não dependerá apenas da velocidade do mundo. Dependerá da clareza com que Portugal decidirá o caminho que quer seguir.

FANTASPORTO 2026: O PORTO VOLTA A SER TERRITÓRIO DE IMAGINAÇÃO

O festival regressa ao Porto entre 28 de fevereiro e 8 de março com a 46.ª edição e um ciclo inédito dedicado ao cinema da Noruega.

O Fantasporto prepara a 46.ª edição, agendada para 28 de fevereiro a 8 de março de 2026. Fundado em 1981 e com quatro décadas de atividade ininterrupta, o festival tornou-se uma das referências culturais do país, distinguido com a Medalha de Mérito Cultural do Governo, as Medalhas de Ouro das Câmaras do Porto e de Gaia e o estatuto de Instituição de Utilidade Pública. A projeção internacional acompanha esse percurso, com destaque para reportagens da Variety, para a inclusão na lista dos “30 Festivais de Cinema Mais Fixes do Mundo” da MovieMaker e para a menção da Dread Central entre os principais festivais de terror.

A edição de 2026 integra uma retrospectiva inédita dedicada ao cinema norueguês, organizada pelo Instituto Norueguês de Cinema. O festival destaca este ciclo como um dos pontos centrais da programação, reforçando a dimensão internacional que tem marcado a sua história.

O foco mantém-se no cinema de género, incluindo fantasia, terror, ficção científica, suspense psicológico e propostas experimentais. Ao longo dos anos, o Fantasporto distinguiu realizadores como Guillermo del Toro, Bong Joon-ho, Peter Jackson, Danny Boyle, Darren Aronofsky, Lars von Trier, David Cronenberg, Park Chan-wook, Álex de la Iglesia, Takeshi Kitano e Shinya Tsukamoto, entre muitos outros.

As inscrições para a edição de 2026 encerraram a 30 de novembro, conforme o regulamento. A organização recebeu cerca de mil filmes, incluindo aproximadamente duzentas longas-metragens. O festival indica que o alinhamento está praticamente fechado, com Espanha, China e Japão entre os países mais representados na seleção deste ano.

Com quarenta e cinco anos de percurso e uma programação que continua a atrair cinematografias diversas, o Fantasporto volta a afirmar o Porto como uma cidade de cinema e um ponto de encontro internacional para realizadores, programadores e público.



XXVIII FEIRA GASTRONÔMICA do PORCO

8 A 11 JANEIRO 2026

pavilhão
multiusos

BOTICAS



MASCARAS

DE MOGADOURO

VALORIZAMOS OS COSTUMES E RITUAIS
CELEBRAÇÕES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO 2025/26



Careto e Velha de Valverde
25/12



Farandulo de Tó
01/01



Velhos de Bruçó
25/12



Chocalheiro de Bemposta
26/12 e 01/01



Mascarão e Mascarinha de
Vilarinho dos Galegos
06/01



Velho Chocalheiro de
Vale de Porco
25/12 e 01/01

Save the date:

VI ENCONTRO INTERNACIONAL DE RITUAIS ANCESTRAIS

19/4/2026

BEMPOSTA/MOGADOURO